

Considerações psicanalíticas sobre gênero e o desenvolvimento da culpa¹

Heliane de Almeida Lins Leitão²

Resumo

O presente artigo pretende discutir, à luz da psicanálise, diferenças de gênero encontradas em uma pesquisa empírica sobre o desenvolvimento da culpa. As crianças participantes da pesquisa foram solicitadas a responder a uma técnica semi-projetiva. Foi observado que as meninas expressaram mais culpa depressiva do que os meninos enquanto os meninos deram mais respostas de culpa esquizo-paranóide do que as meninas. Estes resultados são discutidos a partir das teorias kleiniana e freudiana, considerando suas implicações para o desenvolvimento moral e emocional.

Desde Freud, os estudos psicanalíticos sempre dedicaram uma atenção especial ao tema da culpa. De fato, o sentimento de culpa é muito importante e poderoso, estando na base do desenvolvimento moral e da personalidade como um todo. Os estudos psicanalíticos mostraram também a sua relevância para a compreensão da dinâmica da personalidade e dos processos determinantes de saúde e doença mental.

A partir dos estudos clínicos no tratamento de pacientes adultos, Freud reconheceu o papel da culpa na organização da personalidade neurótica. Ao observar a importância das experiências infantis na formação das neuroses, se dedicou a reconstruir as fases do desenvolvimento da criança. Suas investigações apontaram para a importância dos primeiros anos de vida, particularmente o período edipiano, quando, segundo ele, aparecem os primeiros sentimentos de culpa.

Freud mostrou que a culpa é inerente à personalidade pois é o resultado inevitável da ambivalência pulsional (ver, por ex., LEITÃO, 1996). O conflito entre os impulsos amorosos e hostis levam à experiência da culpa. Embora enfatizando que a culpa atua internamente no indivíduo, Freud reconheceu que ela é influenciada, modificada e até reforçada pelo ambiente e pelas circunstâncias da história pessoal.

Os psicanalistas pós-freudianos também reconhecem a importância do tema da culpa e têm lhe dedicado atenção na clínica e na produção teórica.

A teoria psicanalítica de Melanie Klein difere da de Freud em alguns pontos importantes. Klein considera a relação mãe-bebê durante o primeiro ano de vida como estruturante da

personalidade. Além disso, Klein atribui um papel primordial aos impulsos agressivos desde o nascimento, ressaltando a importância da pulsão de morte na relação primária com a mãe. Através da análise de crianças pequenas, Klein descobriu que sentimentos de culpa e remorso ocorrem em crianças de até dois anos, uma idade muito anterior a que supunha Freud. Klein considerou a existência de dois momentos que constituem a vida psíquica na fase oral, os quais ela denominou de posição esquizo-paranóide e posição depressiva.

Segundo Klein (1937), a preocupação moral por outras pessoas se desenvolve a partir de sentimentos de culpa relacionados a impulsos destrutivos e da identificação com os outros. Na mente da criança, os sentimentos de culpa devidos ao conflito entre amor e ódio e o medo de perder o outro (a mãe), com o qual a criança se identifica, levam ao desenvolvimento do sentimento de amor expresso através de tendências reparativas. A identificação com a mãe é o protótipo de identificações futuras com outras pessoas e da consequente preocupação pelo bem-estar de outros.

Para Klein, os sentimentos de culpa podem envolver elementos da posição esquizo-paranóide e/ou da posição depressiva. Klein descreveu a culpa persecutória, associada com a preocupação esquizo-paranóide pelo bem-estar unicamente do próprio self, e a culpa depressiva, associada com a preocupação depressiva com o bem-estar do outro (HINSHELWOOD, 1989).

Em trabalhos anteriores (LEITÃO, 1995; 1999) apresentei resultados de uma pesquisa empírica sobre o desenvolvimento da culpa. Tal pesquisa foi inspirada principalmente

¹ Trabalho apresentado na QUINTA-CULTURAL em abril/2000.

² Psicóloga clínica (UFPE), PhD em Psicologia (University of Kent, Inglaterra), Professora do Departamento de Psicologia da UFAL e membro do GPAL.

Considerações psicanalíticas sobre gênero e o desenvolvimento da culpa

na teoria psicanalítica kleiniana, a partir dos conceitos de culpa persecutória e culpa depressiva. O contexto da pesquisa e a síntese dos resultados encontrados são apresentados a seguir.

O contexto da pesquisa empírica

A pesquisa foi realizada em uma escola inglesa, através de entrevistas com crianças com idades entre sete e onze anos. A partir da teoria Kleiniana, foi criada uma técnica semi-projetiva que consiste em histórias com final aberto. Cada história é apresentada em uma série de figuras ilustrando situações envolvendo responsabilidade pessoal frente a outras pessoas. Em cada história, o personagem principal é uma criança que é confrontada com o sofrimento ou tristeza que ela, direta ou indiretamente, causou a outra pessoa.

As crianças participantes do estudo foram solicitadas a contar a história sugerida pelas figuras e a inventar um final para as mesmas. Além disso, as crianças eram indagadas quanto aos pensamentos, sentimentos, atitudes e motivos dos personagens.

As respostas das crianças foram analisadas qualitativa e quantitativamente. Através de um sistema de codificação elaborado a partir do referencial da teoria kleiniana, as respostas foram codificadas em termos da expressão de culpa persecutória e de culpa depressiva.

A análise dos resultados mostrou a existência de diferenças de gênero e de idade na frequência e predominância dos dois tipos de resposta de culpa. Foi observado que as meninas expressaram mais culpa depressiva do que os meninos. Por outro lado, os meninos expressaram mais culpa persecutória do que as meninas. Além disso, as respostas de culpa persecutória diminuem com o aumento da idade, enquanto as respostas de culpa depressiva aumentam com a idade.³

Os dados dessa pesquisa são de natureza distinta daqueles usados na criação da teoria psicanalítica. Não são dados da clínica, mas sim respostas verbais e conscientes a estímulos

semi-estruturados. No entanto, são respostas projetivas e, como tal, remetem aos conteúdos inconscientes. Sendo assim, estes resultados podem ilustrar aspectos importantes do desenvolvimento da culpa, passíveis de discussão no contexto da psicanálise.

Punição e perda na experiência de culpa de meninos e meninas

Como compreender estes resultados à luz da teoria psicanalítica? Como explicar as diferenças de gênero encontradas? Por que os meninos tendem a expressar mais culpa persecutória do que as meninas? E, por que as meninas apresentam mais respostas de culpa depressiva do que os meninos?

De acordo com a teoria de Klein, a culpa esquizo-paranóide se refere à punição, enquanto a culpa depressiva diz respeito à perda. A culpa persecutória se refere ao temor da punição ou retaliação decorrentes do deslize ou mau comportamento e revela uma preocupação com o bem-estar e a integridade do próprio self. A culpa depressiva remete ao temor da perda e mostra uma preocupação com a preservação e o bem-estar do outro e do relacionamento com ele.

A teoria kleiniana considera que o superego paterno exerce uma influência particularmente importante no menino (KLEIN, 1928). Segundo Klein, a relação do ego com o superego paterno é caracterizada pelo medo de retaliação associado à angústia de castração. Este medo tem características paranóides.

Por outro lado, Klein (1928) afirma que a influência do superego materno é predominante na menina. Além disso, segundo Klein (1932), a menina é mais dependente dos seus objetos internos, o que a torna mais afetada pela possível perda do amor e do objeto amado.

A teoria freudiana do declínio e resolução do complexo de Édipo também aponta importantes diferenças no desenvolvimento de meninos e meninas (FREUD, 1924; 1925; 1933). Freud, no entanto, não apresenta uma explicação

³ Como já referido, estes resultados foram obtidos com um grupo de crianças na Inglaterra. Uma pesquisa análoga realizada em Maceió, e ainda não publicada, aponta para resultados semelhantes.

satisfatória para os motivos que levam à resolução do complexo de Édipo na menina. Segundo Freud, o menino abandona o desejo edipiano por medo de uma punição - a castração - enquanto a menina não tem este motivo. Freud considera que no caso da menina a dissolução do complexo de Édipo é mais gradual, ocorre mais tarde do que no menino e, ainda assim, de forma incompleta. Entretanto, Freud sugere que o desejo edipiano da menina é abandonado porque ele não pode ser jamais satisfeito e também por causa da pressão externa que o reprova. Além disso, Freud sugere que a dissolução do conflito edipiano na menina parece ser, mais do que no menino, influenciada pela educação e inibições externas, as quais se referem à ameaça de perda do amor (FREUD, 1924). A menina, portanto, abandona o seu desejo edipiano por medo de perder o amor. Em outras palavras, o menino abandona seus desejos edipianos por medo da punição, enquanto a menina renuncia seus desejos edipianos por medo da perda do amor. Tendo em vista a importância da resolução do complexo de Édipo no desenvolvimento do superego, tais diferenças podem resultar em características importantes no desenvolvimento moral de cada gênero.

Estas diferenças entre os gêneros já observadas por Freud e Klein parecem bastante relevantes na compreensão dos dados empíricos relatados acima. Combinando estes elementos das teorias kleiniana e freudiana da formação precoce e posterior do superego respectivamente, eu gostaria de ressaltar que as diferenças de gênero encontradas em minha pesquisa expressam o modo de relacionamento que o ego estabelece com seus objetos internos e externos. No caso do menino, parece que o seu desenvolvimento moral é particularmente influenciado pelo medo de ser machucado ou destruído pelos seus objetos maus, enquanto no caso da menina, o desenvolvimento moral é principalmente afetado pelo medo de perder seus objetos bons. Em ambos, meninos e meninas existe uma necessidade intensa de preservar o

self. Contudo, no caso da menina a preservação do outro, com quem ela está profundamente identificada, é uma condição primária da preservação de si própria.

No contexto da sua teoria das posições esquizo-paranóide e depressiva Klein não descreve diferenças de gênero. No entanto, é possível estabelecer alguns elementos característicos da relação inicial com a mãe que diferenciam a experiência de meninos e meninas.

Klein afirma que o ego do bebê se identifica com o outro na posição depressiva. O outro na relação primária é a mãe, ou seja, uma mulher⁴. Tanto meninos quanto meninas estão inicialmente identificados com sua mãe. No entanto, no caso das meninas a mãe se coloca também como modelo de identificação sexual, o que pode favorecer a identificação com ela. Assim sendo, pode-se supor que no caso da menina ocorre uma maior e mais intensa identificação com a mãe do que no caso do menino. Como consequência, a menina estaria mais vulnerável à culpa na posição depressiva do que o menino. Além disso, a menina desenvolveria um self mais relacional, estabelecendo vínculos de maior interdependência com os outros. Por estar intensamente identificada com o outro, a menina sente que a preservação do outro e do seu vínculo com ele são essenciais na preservação de seu próprio self. Estaria, assim, mais propícia a sentir culpa interpessoal e preocupação com o outro e com relacionamentos. Tal tendência pode se expressar em sentimentos de culpa depressiva, como nos dados referidos acima.

Em contraste, o menino tem necessidade mais intensa de se "des-identificar" de sua mãe do que a menina, na medida em que busca um modelo masculino para sua identidade sexual (GREENSON, 1968). Neste esforço, o menino pode desenvolver uma tendência a negar sua identificação com a mãe com o intuito de preservar sua identidade masculina. Tal inclinação pode se manifestar na negação de sua dependência dos objetos, a qual se

⁴ Em geral as mulheres são as responsáveis pelos primeiros cuidados com a criança, constituindo-se no primeiro "outro" para crianças de ambos os sexos.

Considerações psicanalíticas sobre gênero e o desenvolvimento da culpa

expressa num distanciamento afetivo e aparente indiferença quanto aos relacionamentos com os mesmos. Klein (1935) afirma que a ansiedade persecutória pode ser um sinal de defesa contra a ansiedade depressiva. Neste contexto, a tendência nos meninos em expressar mais culpa persecutória do que as meninas pode significar uma maior necessidade dos meninos de se defender contra a culpa depressiva.

Evidências de que as mulheres são mais vulneráveis a experiência da culpa interpessoal do que os homens (HOFFMAN, 1977; ZAHN-WAXLER et al., 1990; ZAHN-WAXLER et al., 1991) corroboram estes resultados. Além disso, estes dados são consistentes com evidências clínicas de que há diferenças de gênero em doença mental no sentido de que a depressão é muito mais frequente em mulheres do que em homens e de que os homens são mais vulneráveis à paranóia (LEWIS, 1978; 1985).

O tema da culpa e do desenvolvimento de gênero são muito complexos e outras pesquisas são necessárias. As implicações desta discussão são amplas e atingem o âmbito da educação e da clínica. Se as diferenças ora observadas aparecem sistematicamente no desenvolvimento de meninos e meninas, elas se constituem em importantes aspectos do desenvolvimento moral e emocional que precisam ser considerados no contexto da clínica psicanalítica.

Referência Bibliográficas

Freud, S. (1974) 'A dissolução do complexo de Édipo.' Em: Obras Completas. ESB. Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1974) 'Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos.' Em: Obras Completas. ESB. Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1974) A Feminilidade. Em: Obras Completas. ESB. Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago.

Greenson, R.R. (1968). Dis-identifying from mother: its special importance for the boy. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 49, 370-374.

Hinshelwood, R. (1989) *A Dictionary of Kleinian Thought*. London: Free Association Books.

Hoffman, M. (1977) Sex differences in empathy and related behaviors. *Psychological Bulletin*, 84, n.4, 712-722.

Klein, M. (1991) *Early stages of the oedipus conflict. Em: Love, Guilt and Reparation, and Other Works 1921-1945*. London: Virago Press.

_____. (1969) The effects of early anxiety-situations on the sexual development of the girl. Em: *The Psychoanalysis of Children*. London: Hogarth.

_____. (1991) A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. Em: *Love, Guilt and Reparation, and Other Works 1921-1945*. London: Virago Press.

_____. (1991) *Love, guilt and reparation*. Em: *Love, Guilt and Reparation, and Other Works 1921-1945*. London: Virago Press.

Leitão, H.A.L. (1995) *Gender Differences in Children's Moral Concern for Others: An empirical kleinian investigation*. Tese de Doutorado, University of Kent, Canterbury, Inglaterra.

_____. (1996) *Sentimento de Culpa: Um fator de desenvolvimento*. Maceió: EDUFAL.

_____. (1999) Diferenças sexuais no desenvolvimento da preocupação moral por outras pessoas: Um estudo empírico da expressão de emoções morais em crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, n.1, 21-46.

Lewis, H. B. (1978) Sex differences in superego mode as related to sex differences in Psychiatric illness. *Social Science and Medicine*, 12B, 199-205.

_____. (1985) Depression vs. Paranoia: Why are there sex differences in mental illness? *Journal of Personality*, 53, n.2, 150-178.

Zahn-Waxler, C., Kochanska, G., Krupnick, J., & McKnew, D. (1990) Patterns of guilt in children of depressive and well mothers. *Developmental Psychology*, 26, n.1, 51-59.

Zahn-Waxler, C., Cole, P.M. & Barrett, K.C. (1991) *Guilt and empathy: Sex differences and its implications for the development of depression*. Em: J.Garber & K.A. Dodge (Orgs.) *The Development of Emotion Regulation and Dysregulation*. New York: Cambridge University Press.